REVISTA
REDAÇÃO
01/03/2015 - Ed. 07

Lucas Rocha

Um país conflagrado

Eumano Silva

De Paris a Atenas, é preciso escolher os combates

O que é a gastronomia hoje?

Um país conflagrado (EUMANO SILVA)

Caldeirão social fervilha em meio a brigas de militantes nas ruas, paralisações de rodovias por caminhoneiros, greves de professores e metalúrgicos e uma população cada vez mais revoltada com o aumento do desemprego e do custo de vida. Aonde vamos parar?

NO FINAL da tarde da terça-feira 24, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva se dirigiu à sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio de Janeiro, para participar de uma manifestação em favor do governo Dilma Rousseff. Organizado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e pela Federação Única dos Petroleiros (FUP), o ato público tinha por mote a "defesa da Petrobras", bandeira política empunhada pelo PT para tentar se contrapor ao bilionário escândalo de corrupção estourado há quase um ano pelos investigadores da Operação Lava Jato. A reunião programada para dar demonstração de força de setores alinhados com as causas governistas, no entanto, transformou-se num lamentável retrato do grau de radicalização e intolerância que tomou conta do País nos últimos tempos. Antes mesmo da chegada de Lula, os cerca de 500 militantes que o aguardavam entraram em confronto físico com duas dezenas de pessoas que se dirigiram ao local para gritar contra o governo e a corrupção. A partir desse momento, o espaço em frente à sede da ABI virou ringue de pancadaria entre os ativistas. As lamentáveis cenas remetiam aos insanos embates entre torcidas organizadas de futebol. De um lado, as tradicionais cantorias "olê, olê, Lula, Lula" e, do outro, os gritos de "Lula, ladrão, Lula, ladrão". A troca de sopapos só terminou depois que a PM chegou. Do lado de dentro da associação, Lula jogava gasolina na fogueira fazendo uma convocação belicosa recheada de expressões como "luta" e "guerra".

AMBIENTE INFLAMÁVEL - Na tarde da terça-feira 24, militantes se digladiaram em frente à ABI, durante ato em defesa da Petrobras. Do lado de dentro da associação, Lula conclamou a militância à luta. Nessa atmosfera conturbada, caminhoneiros paralisaram as principais rodovias do País e sindicalistas vestidos de leões protestaram contra a deterioração dos salários

A confusão da ABI simboliza o ambiente conturbado e perigoso vivido pelo Brasil, dois meses depois de iniciado o segundo mandato da presidente Dilma. O caldeirão social fervilha em meio a paralisações de rodovias por caminhoneiros, greves de professores e metalúrgicos em Estados importantes do País e uma população cada vez mais insatisfeita com o aumento do desemprego e do custo de vida. O flagrante contraste entre as promesssas de campanha de Dilma e a realidade ajuda a engrossar o caldo. De norte a sul do País, diferentes segmentos políticos, sociais e econômicos se levantam para protestar contra o governo federal e, também, contra alguns Executivos estaduais.

A soma de todas as insatisfações cria um ambiente nervoso e descontrolado que, em muitos aspectos, se mostra mais grave que o clima de convulsão social de junho de 2013, quando as ruas das capitais e grandes cidades foram tomadas por gigantescas manifestações e quebra-quebras que levaram insegurança e prejuízos à população. "Estamos vivendo um acirramento do debate político, o processo eleitoral parece continuar e existe um preocupante estado de animosidade", alerta Marco Antonio Teixeira, professor da FGV, doutor em ciências sociais.

Embalados pelo desgaste crescente do governo, diversos segmentos se mobilizam. Pelas redes sociais, convoca-se para o dia 15 de março uma grande manifestação em todo o País pelo impeachment da presidente Dilma. Se depender da vontade dos mais empolgados, um milhão de pessoas sairão às ruas. Essa empreitada une no mesmo pacote os núcleos mais radicalizados da oposição, antipetistas – com ou sem filiação partidária – insatisfeitos de modo geral com os rumos do Brasil e setores ligados a militares da reserva defensores da ditadura – esses últimos, tradicionais adversários de agremiações de esquerda, como o PT, e da democracia.

GREVES ESTADUAIS - No Paraná e no Distrito Federal, professores protestam contra os baixos salários. A paralisação adiou o início do ano letivo, que até a sexta-feira 27 não havia começado

Se há dois anos as multidões se revoltaram contra os preços das passagens de ônibus urbanos e as deficiências na organização da Copa do Mundo, agora o mau humor guarda relação com a enxurrada de denúncias de corrupção do Petrolão e com as medidas anunciadas por Dilma para enfrentar a crise econômica que a presidente reeleita legou a ela mesma. Os primeiros sinais de descontentamento começaram ainda no ano passado, na esteira do resultado das urnas. Ao contrário do que propagandeou durante a campanha, a presidente Dilma aumentou os juros e baixou medidas que afetam direitos trabalhistas e previdenciários. Também ficou evidente que as manobras contábeis utilizadas no primeiro mandato jogaram a economia do País no buraco, com a inflação estourando o teto da meta e o crescimento em torno de zero. Tudo muito, mas muito diferente do mundo mágico alardeado pelo marqueteiro João Santana.

O Brasil de verdade aos poucos se apresentou. O País já havia saído dividido das urnas. O clima de ebulição social, no entanto, ficou mais escancarado nas últimas semanas, quando vários focos de insatisfação engrossaram os protestos contra os governantes. Metalúrgicos da região do ABC fizeram uma greve de seis dias contra ameaças de demissão nas montadoras, uma das consequências do desarranjo da economia nacional. Professores da rede pública do Paraná, Estado governado pelo tucano Beto Richa, e do Distrito Federal, sob a administração de Rodrigo Rollemberg, do PSB, organizaram paralisações contra salários atrasados e más condições de ensino. Nas duas unidades da federação, até a sexta-feira 27 o ano letivo ainda não havia começado.

Os maiores transtornos para os brasileiros em decorrência dos desajustes econômicos e sociais aconteceram na semana passada. As principais rodovias do País foram bloqueadas por caminhoneiros que reclamaram dos preços do óleo diesel e apresentaram uma pauta de reivindicações que inclui aumento no valor dos fretes, refinanciamento das dívidas e sanção da Lei dos Caminhoneiros, aprovada no dia 11 de fevereiro pela Câmara. Os protestos dos caminhoneiros começaram na semana anterior, mas chegaram ao auge na terça 24 e na quarta-feira 25, quando os motoristas interromperam o tráfego em 12 Estados. O movimento bagunçou a rotina de cidadãos de todas as classes sociais e, em algumas regiões, atrapalhou o abastecimento, principalmente, de alimentos e combustíveis. No interior do Paraná e de Santa Catarina, supermercados ficaram fechados por falta de mantimentos e na sexta-feira 27 havia aeroportos sem operar por falta de combustível.

Com o País ameaçado de travar, com carretas e caminhões atravessados nas estradas, o Palácio do Planalto tentou agir para estancar a crise. Em reunião com os representantes dos caminhoneiros, o ministro Miguel Rossetto, da Secretaria-Geral da Presidência, afirmou que o governo se compromete a não aumentar o preço do diesel por seis meses e a conceder carência de um ano para os financiamentos. Se confirmada, a maior conquista do setor será o estabelecimento de uma planilha de preços para o frete, que haviam sido reduzidos pelas grandes empresas de agronegócio, principais contratadoras de frotas nesta época do ano, quando se escoa a maior parte da safra. Segundo o acerto, as reivindicações aceitas pelo governo só terão validade com o fim dos protestos nas estradas, o que ainda não havia acontecido totalmente até a sexta-feira 27.

O CONFRONTO E O DESTEMPERO
Depois do confronto entre militantes na ABI, o presidente do PT do Rio, Washington Siqueira, o Quaquá, em sintonia com o discurso cáustico do ex-presidente Lula, prega a violência contra o que chama de "fascistas e burguesinhos de merda"

Washington Siqueira
22 h · Editado ·

Contra o fascismo a porrada! Não podemos engolir esses fascistas burguesinhos de merda! Ta na hora da militância e dos petistas responderam esses fdps que dão propina ao guarda, roubam e fazem caixa dois em suas empresas, sonegam impostos dão uma de falso moralistas e querem achincalhar um partido e uma militância que melhorou a vida de milhões de Brasileiros. Vamos pagar com a mesma moeda: agrediu, devolvemos dando porrada!

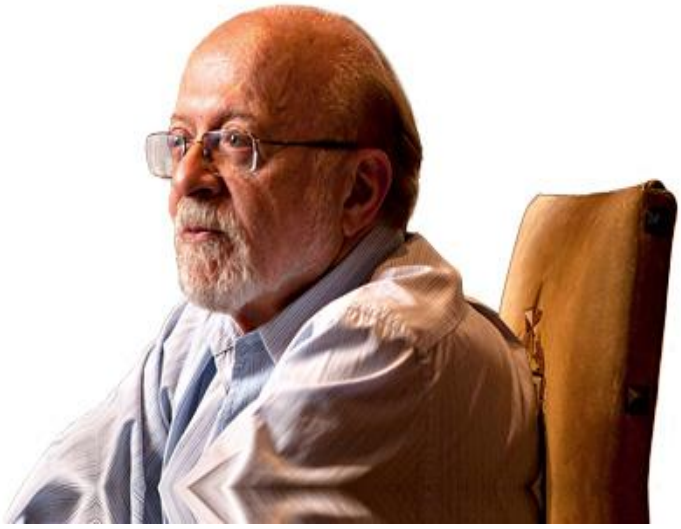
TENSÃO - No Paraná, do governador Beto Richa, população faz enterro simbólico da Educação

Entre as manifestações radicais, fruto do ambiente inflamável, chocaram também as agressões verbais feitas contra o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, dentro do Hospital Albert Einstein na segunda-feira 23. Mantega estava no hospital para acompanhar sua mulher em um tratamento de câncer quando um grupo se dirigiu a ele com gritos e expressões como "vai para o SUS". O radicalismo do momento inspira avaliações extremas e francos exageros até de analistas políticos: "É como se vivêssemos numa sociedade polarizada na Espanha da guerra civil", diz outro cientista social, Milton Lahuerta, da Unesp. Apesar das turbulências sociais e econômicas, o Palácio do Planalto mantém um discurso público de normalidade. "Manifestações fazem parte da sociedade democrática e as instituições brasileiras são maduras e sólidas para conviver com isso. Esse governo nasceu na rua, sabe lidar com movimentos sociais, como ocorreu em 2013", disse a ISTOÉ o ministro-chefe da Casa Civil, Aloizio Mercadante. Porém, dentro e fora do governo, os ânimos petistas permanecem acirrados, como já ocorrera durante a campanha eleitoral, embalada pelo raivoso discurso do "nós contra eles". Não por acaso, o idealizador desse discurso emerge, neste momento, com toda força de seu já proverbial destempero verbal.

ILHA - Apesar das turbulências sociais e econômicas, o Palácio do Planalto, Dilma à frente, mantém um discurso público de normalidade

Em momentos de dificuldades políticas e econômicas, espera-se dos homens públicos, sobretudo dos mais experientes, o comportamento equilibrado necessário nas crises. Não é o que está acontecendo. Logo depois dos atritos violentos entre os militantes contra e a favor do governo, Lula deu uma pesada declaração para o público presente na manifestação no auditório da ABI. "Quero paz e democracia. Mas se eles querem guerra, eu sei lutar também", afirmou o ex-presidente, no tom belicista que caracteriza seus discursos eleitorais. O líder ordenou e a tropa obedeceu. Poucas horas depois, o presidente do PT fluminense, Washington Quaquá, imbuído de intemperança verbal incitou os militantes partidários a usar métodos violentos nos confrontos com os adversários.

Com expressões como "burguesinhos de merda" e "fdps", Quaquá foi explícito em suas intenções: "Vamos pagar com a mesma moeda. Agrediu, devolvemos dando porrada", escreveu no Twitter. Do outro lado da trincheira, o ex-governador de São Paulo Alberto Goldman engrossa o coro da deposição de Dilma como uma possível saída para os impasses atuais. Nas palavras de Goldman, o impeachment permitiria uma "transição democrática" da administração petista para outro governo. Para os petistas, essa proposta é tratada como "golpe". Com tantas más notícias, o Brasil virou tema de destaque da revista inglesa "The Economist". A mais recente edição do semanário mostra uma passista de escola de samba atolada em uma gosma verde debaixo do título "O atoleiro do Brasil". Essa é uma percepção do País muito diferente da de uma capa da revista em setembro de 2009, auge da reação da economia brasileira à crise internacional. Na ocasião, a manchete foi "O Brasil decola". Como se vê, muita coisa mudou nos últimos cinco anos. Para muito pior.



EM DEFESA DO IMPEACHMENT - Ex-governador de São Paulo, Alberto Goldman defende a deposição de Dilma. Para o integrante do PSDB, será a solução a para crise atual.

Fotos: Marcos de Paula/Estadão Conteúdo; Antônio Lacerda/EFE; Miguel SCHINCARIOL/AFP Photo; Márcio Cunha; Ag. o Dia/Estadão Conteúdo; Sérgio Lima/Folhapress, José Cruz/Ag. Brasil; Joka Madruga/APP-Sindicato Lucas Lacaz Ruiz/Folhapress, Fernando Frazão/Ag. Brasil; Paulo Lisboa/Brazil Photo Press; Ed Ferreira/DPA/ZUMAPRESS.com; Rafael Hupsel/Ag. Istoé.

EUMANO SILVA é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista ISTO É, Fevereiro de 2015.**

De Paris a Atenas, é preciso escolher os combates (SERGE HALIMI)

Na Grécia e na Espanha, o avanço de uma esquerda crítica das políticas de austeridade encoraja os defensores de uma mudança profunda na União Europeia. Cada vez mais formal, o debate democrático avança. E o confronto cultural e religioso, o "choque das civilizações" que os autores dos atentados em Paris

AGOSTO de 1914: a união sagrada. Tanto na França como na Alemanha, o movimento operário se enfraquece; os dirigentes da esquerda política e sindical se unem à "defesa nacional"; os combates progressistas foram colocados entre parênteses. Difícil agir de outra forma, já que, desde os primeiros dias da disputa sangrenta, os mortos eram contados em dezenas de milhares. Quem teria ouvido um discurso de paz no meio do barulho das armas e das exaltações nacionalistas? Em junho, em julho talvez, teria sido possível evitar o golpe.

Um século depois, o "choque de civilizações" ainda é apenas uma hipótese entre outras. A batalha que poderia começar na Europa, na Grécia e depois na Espanha talvez permita que ela seja conjurada. Os atentados jihadistas, porém, favorecem o roteiro do desastre; uma estratégia de "guerra contra o terrorismo" e de restrição das liberdades públicas também. Levam ao risco de eliminar todos os outros combates e exacerbar todas as crises que devem ser resolvidas. Essa é a ameaça. Responder a isso é o objetivo dos próximos meses.

Um desenhista é livre para fazer uma caricatura de Maomé? Uma muçulmana é livre para usar a burca? E os judeus franceses? Eles vão emigrar em grande quantidade para Israel? Bem-vindos a 2015... A França se debate numa crise social e democrática que as escolhas econômicas de seus governos e a União Europeia agravaram. No entanto, as questões relativas à religião reaparecem em intervalos regulares. Há mais de vinte anos, os temas do "islã das periferias", das "inseguranças culturais", do "comunitarismo" povoam tanto as mídias quanto uma parte da opinião pública. Demagogos se deleitam com isso, impacientes para coçar as feridas que vão lhes permitir dominar a cena. Enquanto eles tiverem sucesso, nenhum problema de fundo será debatido seriamente, ainda que quase todo o resto esteja ligado à sua solução.[1]

O assassinato de doze pessoas, na maioria jornalistas e desenhistas, em 7 de janeiro no prédio do *Charlie Hebdo*, depois de quatro outras pessoas, todas judias, em uma loja kosher, suscitou um sentimento de temor. Mesmo que esses atos tenham sido cometidos invocando o islã, esses crimes espetaculares não deram origem, até o momento, ao ciclo de

ódio e represálias com o qual contavam seus inspiradores. Os assassinos conseguiram: mesquitas foram atacadas; sinagogas foram protegidas pela polícia; jovens muçulmanos – radicalizados, algumas vezes recém-convertidos, com frequência mediocremente instruídos nas regras de sua fé, mas em todo caso pouco representativos de seus correligionários – são tentados pelo jihad, o niilismo, a luta armada. No entanto, os assassinos também fracassaram: garantiram vida eterna ao jornal semanal que queriam eliminar. Suponhamos, todavia, que para eles essa batalha fosse secundária. A resolução das outras vai depender da resiliência da sociedade francesa e do renascimento na Europa de uma esperança.

Mas sejamos modestos. Nossas chaves não abrem todas as fechaduras. Não estamos ainda em condições de analisar o acontecimento imediatamente. Também não somos obrigados a responder aos acúmulos incessantes da máquina de comentários. Parar e refletir é arriscar compreender, surpreender, ser surpreendido. O acontecimento nos surpreendeu. A reação que suscitou também. Até agora, a França aguentou o choque, como a Espanha depois dos atentados de Madri em março de 2004, como o Reino Unido depois dos atentados de Londres no ano seguinte. Ao se manifestar em massa, com calma, sem ceder muito aos discursos guerreiros de seu primeiro-ministro, Manuel Valls. Sem também se engajar em uma regressão democrática comparável à que os Estados Unidos viveram após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Ninguém pode imaginar, no entanto, as consequências eventuais de um novo abalo de mesma ordem, ou muitos abalos. Será que eles conseguiriam enraizar uma linha de fratura opondo frações da população que se determinariam politicamente em função de sua origem, de sua cultura, de sua religião? É a aposta dos jihadistas e da extrema direita, incluindo a israelense, o perigo imenso do "choque de civilizações". Reprimir essa perspectiva demanda não apenas imaginar uma sociedade miraculosamente acalmada – como poderia ser com seus guetos, suas fraturas territoriais, suas violências sociais? –, mas também escolher os combates que melhor remediassem as doenças que a destroem. Isso pede, urgentemente, uma nova política europeia. Na Grécia, na Espanha, o combate se engaja...

Decididamente a Europa existe! O primeiro-ministro grego, Antonis Samaras, não esperou muito tempo antes de utilizar com delicadeza o assassinato coletivo no prédio do *Charlie Hebdo*: "Hoje, em Paris, houve um massacre. E aqui alguns ainda encorajam a imigração ilegal". Um dia depois, em Atenas, Nikos Filis, diretor do *Avgi*, jornal do qual o Syriza – coalizão da esquerda radical que venceu as eleições de 25 de janeiro, levando 36% dos votos e 149 das 300 cadeiras do Parlamento – é o principal acionista,[2] lançou diante de nós uma lição bem diferente do crime cometido por dois cidadãos franceses: "O atentado poderia orientar o futuro europeu. Em direção a Le Pen e à extrema direita, ou em direção a uma abordagem mais racional, e por isso mais à esquerda, do problema. Pois a demanda por segurança não pode ser resolvida apenas pela polícia". No plano eleitoral, esse tipo de análise não tem mais apelo na Grécia do que nos outros Estados europeus. Vassilis Moulopoulos sabe disso, e, no entanto, o conselheiro de comunicação de Alexis Tsipras não se preocupa: "Se o Syriza tivesse sido menos intransigente sobre a questão da imigração, já teríamos obtido 50% dos votos. Mas essa escolha é um dos únicos pontos sobre o qual estamos todos de acordo!".

Há alguns anos, as políticas econômicas empregadas no Velho Continente fracassaram – na Grécia e na Espanha de forma mais cruel que no resto. No entanto, enquanto nos outros países da União Europeia os partidos do governo parecem se resignar ao crescimento da extrema direita e até mesmo contar com o fato de que este vai assegurar sua permanência no poder, permitindo se unir contra ela, o Syriza, assim como o Podemos, abriu outra perspectiva.[3] Ninguém na esquerda progrediu tanto quanto eles na Europa. Inexistentes ou quase há cinco anos, na margem da crise financeira, eles se deram conta desde então de dois pontos a explorar. Por um lado, aparecem agora como candidatos com credibilidade para o exercício do poder. Por outro, eles talvez estejam relegando os partidos socialistas de seus países, corresponsáveis pela derrota geral, ao papel de forças de apoio – como no século passado, quando o Partido Trabalhista britânico suplantou o Partido Liberal, e o Partido Socialista francês, o Partido Radical.[4] A mudança se revelou definitiva nos dois casos.

Uma faísca que incendeia a floresta?

Com a questão posta e em parte resolvida – a desclassificação dos partidos social-democratas –, quais são as chances de a vitória de outra esquerda, tanto na Grécia quanto na Espanha, desembocar em uma reorientação geral das políticas europeias? Vistos de Atenas, os obstáculos são imensos. Em seu país, o Syriza está sozinho contra todos; na Europa, nenhum governo o apoiaria. O desafio grego será, portanto, muito mais importante do que aquele no qual a França se encontrou em 2012. Na época, François Hollande, recém-eleito, podia de fato se valer ao mesmo tempo do mandato dos eleitores franceses e dos 19,3% do PIB europeu de seu país (2,3% no caso da Grécia, 12,1% no da Espanha)[5] para "renegociar", como ele tinha se comprometido a fazer, o pacto de estabilidade europeu. E, no entanto, sabemos o que aconteceu. No Syriza, a situação é analisada com mais otimismo, esperando que, a partir deste ano, a vitória de um partido de esquerda na Grécia e na Espanha poderia se tornar a proverbial faísca que incendeia toda a floresta. "A opinião pública europeia é mais favorável a nós", estima Filis. "E as elites europeias constatam também o impasse das estratégias empregadas até agora. Em seu próprio interesse, elas imaginam então outras políticas, pois veem que a zona do euro, como está construída, impede que a Europa tenha um papel internacional."

Um passarinho anuncia frequentemente a primavera para quem por muito tempo sofreu com o inverno. Será por isso que o estado-maior do Syriza percebe uma divergência promissora entre a chanceler alemã e Mario Draghi, o presidente do Banco Central Europeu (BCE)? A compra das dívidas soberanas que este acaba de determinar ("flexibilização quantitativa") demonstraria inclusive que ele finalmente compreendeu que a austeridade levaria a um impasse.

Em Atenas, essa evidência salta aos olhos. Mas a crueldade de uma política cujas consequências sociais e sanitárias incluem a falta de aquecimento no inverno, o aumento das doenças infecciosas e o crescimento do número de suicídios ainda não constitui um fator de mudança de rumo.[6] Em todo caso, não para seus arquitetos, bem pagos para ter nervos de aço. Infelizmente, os indicadores macroeconômicos são pouco reluzentes. Depois de cinco anos de tratamento de choque, a Grécia conta com três vezes mais desempregados que antes (25,7% da população ativa); seu crescimento é ínfimo (0,6% em 2014), depois de uma perda acumulada de 26% entre 2009 e 2013; e, por fim, melhor que tudo para um programa que tinha fixado como objetivo prioritário reduzir uma dívida que então era igual a 113% do PIB, esta hoje se estabelece em 174%... Previsível, já que seu nível é calculado em proporção de uma riqueza nacional que está naufragando. Entendemos que Mariano Rajoy, cujas performances na Espanha são quase tão mirabolantes, tenha ido a Atenas levar seu apoio a Samaras: "Os países precisam de estabilidade", pregou, "não de guinadas ou incertezas". Isso é realmente brilhante e razoável. Traduzido em bom grego, "incertezas" seria quase sinônimo de esperança, pois continuar a política de Samaras significaria ao mesmo tempo mais diminuição de impostos para os salários médios e altos, assim como para as empresas, mais privatizações, mais "reformas" do mercado de trabalho. Sem esquecer mais excedentes orçamentários para reembolsar a dívida, mesmo quando isso obriga a amputações de créditos públicos em todas as áreas.

Universitário e responsável pelo setor econômico do Syriza, Yannis Milios acredita que Samaras (apoiado pelos socialistas) fixou como objetivo um superávit orçamentário superior a 3% do PIB por ano, por tempo indeterminado (3,5% em 2015, 4,5% em 2017, 4,2% em seguida). "É completamente irracional", estima, "a menos que se tenha optado por uma política de austeridade perpétua." A verdade nos obriga a dizer que Samaras não decide muita coisa: ele aplica os termos do acordo que a Troika (Fundo Monetário Internacional, União Europeia e BCE) impôs a seu governo.

O que o Syriza prevê para sair disso? Primeiro, um programa "destinado a enfrentar a crise humanitária", que recolocaria as despesas e as prioridades dentro de um envelope orçamentário global imutável. Calculada muito precisamente, a gratuidade da eletricidade, dos transportes públicos, de uma alimentação de urgência para os mais pobres, de vacinas para as crianças e os desempregados seria dessa forma financiada por uma luta mais ativa contra a corrupção e a fraude. O governo conservador admite que estas amputam as receitas do Estado em ao menos 10 bilhões de euros por ano. "As obras públicas custam de quatro a cinco vezes mais caro do que no resto da Europa", nota Filis, e não apenas porque a Grécia conta com muitas ilhas e dispõe de um relevo mais acidentado. Milios ressalta por sua vez que "50 mil gregos transferiram para o estrangeiro mais de 100 mil euros cada um, sendo o salário declarado de 24 mil entre eles incompatível com uma aplicação desse valor. No entanto, há dois anos, apenas 407 desses fraudadores, denunciados às autoridades gregas pelo FMI, foram controlados pelo fisco".

O programa de urgência humanitária do Syriza, com um valor estimado em 1,882 bilhão de euros, acumula medidas sociais destinadas a relançar a atividade: criação de 300 mil empregos públicos sob a forma de contratos de um ano renováveis, restabelecimento do salário mínimo a seu nível de 2011 (751 euros, contra 580 euros atualmente), aumento, mas de pouca amplitude (8,3%), das menores aposentadorias. O conjunto desse dispositivo, que inclui também alívios fiscais e abandonos de cobranças para lares e empresas superendividadas, está detalhado no "Programa de Salônica".[7] Seu custo também: 11,382 bilhões de euros, financiados por novas receitas.

Enfrentamento com a Alemanha

Essas medidas, insiste Milios, não serão negociadas. Nem com outros partidos nem com os credores do país: "Elas são uma questão de soberania nacional e não acrescentam nada ao nosso déficit. Nós contamos, por consequência, estabelecer essa política aconteça o que acontecer com relação à renegociação da dívida".

Quando se trata dos 320 bilhões de euros da dívida grega, o Syriza, por outro lado, está disposto a negociar. Mas ali também apostando que diversos Estados estão apenas esperando para seguir seu exemplo. "O problema da dívida", insiste Milios, "não é um problema grego, e sim um problema europeu. Neste momento, a França e outros países conseguem pagar seus credores, mas somente porque as taxas de juros são extremamente baixas. Isso não vai durar. Apenas entre 2015 e 2020, metade da dívida soberana espanhola, por exemplo, deverá ser reembolsada."

Nessas condições, a "Conferência Europeia sobre a Dívida", reclamada nessa tribuna há dois anos por Tsipras, se tornaria uma hipótese realista.[8] A partir de agora apoiada pelo ministro das Finanças irlandês, ela tem como vantagem pedagógica o fato de retomar um precedente, o de 1953, quando a Alemanha se beneficiou da anulação de suas dívidas de guerra, entre as quais as devidas à Grécia. Uma vez efetuada essa lembrança histórica saborosa, o Syriza continua esperando que essa conferência se torne a "solução alternativa que enterrará a austeridade de uma vez por todas".

Como? Aceitando o abandono de uma parte da dívida dos Estados, recalculando o que resta e transferindo para o BCE, que refinanciaria o valor. A instituição presidida por Draghi já se mostrou muito aberta para socorrer os bancos privados – a ponto, inclusive, de estes se livrarem de suas dívidas gregas, cuja quase totalidade agora é detida pelos Estados-membros da zona do euro...

Eis o que confere a estes últimos um singular poder, em particular à Alemanha e à França. Angela Merkel já sugeriu que o contribuinte alemão seria a principal vítima de uma renegociação da dívida grega, já que seu país detém mais de 20% dela. A posição francesa é mais vaga, como frequentemente acontece, e mistura exigências de que Atenas "mantenha os compromissos firmados" (Hollande) ou "continue realizando as reformas econômicas e políticas necessárias" (Emmanuel

Macron, ministro da Economia), com a disposição aparente de vislumbrar uma reestruturação ou um reescalonamento da dívida grega (Michel Sapin, ministro das Finanças).

A direita europeia, porém, já está soando o alarme em outros lugares além da Alemanha. O primeiro-ministro finlandês, Alexander Stubb, opôs um "não retumbante" a qualquer pedido de anulação da dívida, enquanto em Paris o jornal conservador *Le Figaro*se pergunta com elegância: "A Grécia começou de novo a querer envenenar a Europa?". Dois dias depois, o mesmo jornal fez as contas: "Cada francês pagaria 735 euros para a anulação da dívida grega".[9] O cálculo é menos habitual em suas colunas quando se trata de apreciar o custo dos auxílios fiscais que beneficiam os proprietários do jornal, as subvenções aos industriais do setor bélico que são donos do *Le Figaro*ou... os auxílios à imprensa.

Merkel já ameaçou Atenas de uma expulsão do euro caso seu governo desrespeite as disciplinas orçamentárias e financeiras às quais Berlim é muito apegada. Por sua vez, os gregos desejam ao mesmo tempo afrouxar o controle das políticas de austeridade e conservar a moeda única. É também essa a escolha do Syriza.[10] Em parte porque um pequeno país já cansado hesita em se lançar em todas as batalhas ao mesmo tempo. "Fomos as cobaias da Troika, não queremos nos tornar as cobaias da saída do euro", resume diante de nós uma jornalista próxima do partido de Tsipras. "Que um país maior, como a Espanha ou a França, seja o primeiro."

"Sem o apoio europeu", estima Moulopoulos, "não será possível realizar o que quer que seja." Daí a importância que o Syriza dá àqueles que poderiam lhe trazer outras forças além daquelas da esquerda radical e dos ecologistas. Em particular os socialistas, ainda que os gregos tenham a experiência das capitulações da social-democracia trinta anos depois de o primeiro-ministro Andreas Papandreou ter feito seu partido dar a grande guinada liberal. "Se tivesse permanecido à esquerda, não haveria Syriza", ressalta Moulopoulos, antes de lembrar que na Alemanha, "quando Oskar Lafontaine se demitiu do governo [em 1999], ele lamentou que a social-democracia tivesse se tornado incapaz de aplicar as reformas mais insignificantes. A globalização e o neoliberalismo de rosto humano a destruíram inteiramente".

Então não é problemático esperar que sua boa vontade em relação às exigências da esquerda grega poderia ajudar esta última a ir contra a intransigência de Merkel? Um eventual sucesso do Syriza – ou do Podemos – demonstraria que, contrariamente às afirmações repetidas de Hollande ou de Matteo Renzi na Itália, uma política europeia que desse as costas a uma austeridade sem saída é possível. No entanto, tal demonstração não ameaçaria apenas a direita alemã...

Os meses a vir poderiam determinar o futuro da União Europeia. Há três anos, antes da eleição de Hollande, os dois termos da alternativa eram a audácia ou um beco sem saída.[11] Agora, a ameaça não é mais a do beco sem saída, mas algo muito pior. "Se não mudarmos a Europa, a extrema direita o fará", preveniu Tsipras. A audácia se torna ainda mais urgente. A missão das esquerdas grega e espanhola, da qual muita coisa depende, é bastante pesada para que se hesite ainda por cima em aumentar sua carga com uma responsabilidade tão esmagadora quanto a de defender o destino democrático do Velho Continente, de desviá-lo do "choque de civilizações". Hoje, no entanto, é disso que se trata.

"A Grécia, elo fraco da Europa, poderia se tornar o elo forte da esquerda europeia", imagina Moulopoulos. E, se não for a Grécia, a Espanha... Os dois países não seriam demais, no entanto, para combater um temor e uma desesperança que alimentam ao mesmo tempo a propaganda da extrema direita e o niilismo dos salafistas jihadistas. "É um sonho modesto e louco", diria o poeta. É a esperança de que a política europeia não nos condene mais a esse eterno carrossel ao final do qual os mesmos se sucedem no poder para conduzir a mesma política e estampar a mesma impotência. Seu balanço se tornou nossa ameaça. Em Atenas, em Madri, finalmente, a mudança?

1 Ler "Burqa-bla-bla" [Burca-blá-blá], *Le Monde Diplomatique*, abr. 2010.
2 *Avgi*, que publica todo mês a edição grega do *Le Monde Diplomatique*, publicou em 8 de janeiro na capa o slogan "Je suis Charlie" [Eu sou Charlie]. O atentado contra o jornal semanal satírico foi amplamente comentado na Grécia, principalmente pela esquerda, que por sua experiência histórica (ditadura militar entre 1967 e 1974) é muito sensível à questão da liberdade de expressão.
3 Ler Renaud Lambert, "Na Espanha, a hipótese Podemos", *Le Monde Diplomatique Brasil*, jan. 2015.
4 Em 1922 no Reino Unido, em 1936 na França.
5 Dados de 2013.
6 Ler Sanjay Basu e David Stuckler, "Quand l'austérité tue" [Quando a austeridade mata], *Le Monde Diplomatique*, out.2014, e Noëlle Burgi, "Les Grecs sous le scalpel" [Os gregos sob o bisturi], *Le Monde Diplomatique*, dez.2011.
7 O qual existe numa versão em inglês: http://left.gr/news/syriza-thessaloniki-programme.
8 Ler Alexis Tsipras, "Notre solution pour l'Europe" [Nossa solução para a Europa], *Le Monde Diplomatique*, fev. 2013.
9 Editorial "Le vent du boulet" [Os ventos do "chato" (*boulet* é aquela bola de ferro presa aos pés do prisioneiro. Usa-se para definir alguém ou algo que atrapalha, dá trabalho, nos puxa para trás... Pode ser traduzido como "mala", no sentido de alguém difícil de aguentar. – N.T.)],*Le Figaro*, Paris, 6 jan. 2015, e *Le Figaro*, 8 jan. 2015.
10 Para uma crítica dessa posição, ler Frédéric Lordon, "L'alternative de Syriza: passer sous la table ou la renverser"[A alternativa do Syriza: passar por debaixo da mesa ou virá-la], 19 jan. 2015. Disponível em: http://blog.mondediplo.net.
11 Ler "L'audace ou l'enlisement" [A audácia ou o beco sem saída], *Le Monde Diplomatique*,abr. 2012.

SERGE HALIMI é diretor do Le Monde Diplomatique. Ilustração: Daniel Kondo. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, Fevereiro de 2015.**

O que é a gastronomia hoje? (CARLOS ALBERTO DÓRIA)

A "crise de confiança" na indústria gerou a moderna "angústia alimentar"

James Gillray, Gargantas monstruosas, 1787 - Museu Fitzwilliam em Cambridge, Inglaterra

QUANDO surgiu *A fisiologia do gosto* (1825), de Jean Anthelme Brillat-Savarin, a gastronomia era cogitação de um pequeno círculo de pessoas, acostumadas a uma vivência aristocrática que incluía rituais de comilança ligados à caça, aos produtos da estação e aos melhores vinhos que então se fazia. Mas o livro de Savarin, além de ser uma obra de vulgarização científica, como tantas outras "fisiologias" então publicadas, encerrava um recado importante para a França: já não seria mais necessário ter "sangue azul" para se comer bem, pois bastava ter dinheiro e cultura culinária – ele pensava na burguesia nascente – para poder desfrutar do melhor, a exemplo do que a nobreza fizera até a Revolução Francesa (1789).

O livro ensinava o que seria, a partir de então, a tal "cultura culinária". Basicamente uma nova atitude diante do mundo comestível, que consistia em desenvolver critérios para reconhecer "o melhor" entre alimentos únicos ou assemelhados, sabendo prepará-los e consumi-los, levando em conta, ainda, a situação social do consumo. Essa atitude, que nasce como uma atividade comparativa e tendo como critério decisivo o hedonismo, só poderia ser de caráter público, pois, nela, de pouco valem os critérios individuais ou juízos desenvolvidos e guardados no seio de uma família; era necessário, acima de tudo, o reconhecimento público das virtudes do alimento ingerido. Se não fosse *público*, como tomá-lo como signo de distinção social? Desde cedo, portanto, a gastronomia burguesa apresentou uma vocação para estar associada aos restaurantes, mais do que aos palácios.

Passados quase duzentos anos, a gastronomia desempenha um papel completamente novo na sociedade. Tornou-se um tema cultural tão importante quanto a moda, a sexualidade, a violência. É reivindicada como aparentada às artes, à simples nutrição, ou mesmo aos negócios. Sua assombrosa vulgarização parece exigir de cada um de nós que saiba explicar, a qualquer momento, afinal por que escolheu comer determinada coisa e não outra.

Lucien Karpik (*L´économie des singularités*, Paris, Gallimard, 2007), critica a incapacidade da economia clássica para explicar os fenômenos da escolha – os serviços profissionais, as obras de arte, a alta culinária, o grande vinho, os bens de luxo, o turismo, numerosos produtos da indústria cultural, certos bens do artesanato e modalidades especiais de conhecimento – as *expertises*. Ele se detém especialmente na análise da escolha dos vinhos que, após a Segunda Grande Guerra, tiveram sua valorização ligada a procedimentos como os leilões, que lhes conferiram a aura de "obras de arte". E é uma atitude assemelhada o esforço de marketing, hoje tão comum, para apresentar um simples azeite, arroz, salmão ou o que seja como "*gourmet*". Portanto, não basta ler Savarin para nos situarmos no mundo moderno. É preciso reconhecer que o tratamento da alimentação mudou e hoje se dá, simultaneamente, em três planos distintos.

Em primeiro lugar a **culinária**, que nos remete ao conjunto de transformações materiais por que passam as matérias-primas alimentares até serem consumidas, incluindo tecnologias, tabus alimentares etc; em segundo lugar, a **gastronomia**, entendida como aquele procedimento comparativo que indica as melhores formas de tratamento de um determinado produto, dentro de uma determinada sociedade ou grupo com uma configuração de gosto particular; em terceiro, a **gastronomização**, que é a projeção dos valores associados à gastronomia no território do marketing e demais argumentos de venda de um produto alimentar.

A ciência, sem dúvida, pode nos socorrer no entendimento dessa tripla dimensão da alimentação. O conhecimento da **culinária** depende da compreensão dos processos físico-químicos que se passam dentro da panela. Ele se desenvolveu muito associado ao avanço da indústria alimentar e, nas últimas duas décadas, ocupou também o terreno do "artesanato"conforme praticado nos restaurantes e, por imitação, nos lares dos mais aferrados *gourmets*. Já a **gastronomia** se desenvolveu nos últimos trinta anos, a par com os novos conhecimentos da fisiologia humana, mostrando como o consumo alimentar, além do paladar, mobiliza os outros quatro sentidos de modo a produzir uma complexa noção de "gosto", enraizada na nossa psicologia. Por fim, a **gastronomização** é objeto de disciplinas como a semiótica, mostrando como aquilo que é percebido pelos sentidos compõe o moderno signo alimentar que se expressa em vários domínios, notadamente o marketing e a publicidade.

No entanto, nem sempre foi assim, e a grande mudança de status do comer no mundo moderno, pondo em destaque a qualidade do que se ingere em vez da simples quantidade, se deveu – segundo ensinam sociólogos como Jean-Pierre Poulain – à crise de confiança na indústria alimentar. Ela, que se mostrava tão segura até os anos 1980, vendendo-se como a única garantia de qualidade para a alimentação nas sociedades de massa, teve sua credibilidade corroída a partir do episódio conhecido como "vaca louca" (encefalopatia espongiforme bovina), surgida na Inglaterra por conta do modo de alimentação e manejo dos rebanhos, submetendo-os ao canibalismo, gerando o mal que, acredita-se, poderia ser transmitido aos homens e outras espécies animais.

Ora, a "crise de confiança" na indústria gerou, em contrapartida, a moderna "angústia alimentar", fruto da incerteza sobre a qualidade do que comemos, e as respostas dadas a essa "angústia" foram inúmeras nos últimos trinta anos. A mais importante foi dar maior transparência ao processo de produção dos alimentos, através da certificação publicamente acreditada, de origem e formas de produção. O *label rouge*, a produção dita "orgânica", a "sustentabilidade", a garantia de algo entendido como "natural" (isento de agrotóxicos, antibióticos etc.) foram todos expedientes adotados pelos produtores para minimizar a "angustia alimentar", rompendo seu caráter de fatalidade e, ao mesmo tempo, criando alternativas de escolha, ou nichos gastronômicos, que, por sua vez, a gastronomização sabe tão bem aproveitar nos tempos atuais. Desse modo, fecha-se a conexão moderna que liga, de forma indissociável, a **culinária** à **gastronomia** e esta, à **gastronomização**.

Pelo lado dos consumidores, desenvolveram-se várias estratégias de autodefesa, sendo notável a dietificação da alimentação cotidiana. Uma tendência moderna é a identificação forte dos indivíduos com ideologias alimentares de cunho religioso (vegana, por exemplo), de orientação "natural", social ("sustentável"), calórica, ou estética ("*gourmet*"), além da identificação dos produtos com os locais onde foram produzidos ("*terroir*"). Assim, o mercado de massa, geral e indiferenciado, típico da produção fordista do pós-guerra, cede passo à forte "nichelização" do consumo do dia a dia. Como consumo é também produção, as duas pontas do processo ajustam-se como a mão e a luva.

Na medida em que as ideologias dieticistas ampliam sua vigência, reforça-se a necessidade de novos conhecimentos por parte dos consumidores. Desde a organização de hortas urbanas, que exigem conhecimentos de agricultura, aos cursos de enologia, um novo mercado vigoroso vai se erigindo para oferecer, aos consumidores ávidos, a porta de acesso a novas práticas que convergem todas para a mesa. No fundo, são as práticas de incorporação dos alimentos que estão em questão, pois é um traço universal em nossa cultura – e Savarin expressou isso com clareza – a crença de que somos o que comemos. Acaso a eucaristia também não corresponde a essa ideia-mãe?

Entende-se, assim, por que os chefs de cozinha, profissão secular, se tornaram, quase que do dia para a noite, essa espécie de sacerdotes modernos a nos dizer o que é melhor comer. Manipulando – cada um à sua maneira – os valores sociais ligados ao bom, ao agradável e ao belo, fazem da busca do reencantamento do mundo uma aventura cultural sem precedentes na história. Eles estão a nos dizer que, fora da gastronomia, não há salvação; que a incorporação é, hoje, um risco tão grande que é melhor entregar-se, de corpo e alma, a esse novo culto. E se levarmos em conta que o comer "fora de casa" é uma força extraordinária e crescente, talvez não haja outro remédio. Afinal, quando desaprendemos como cozinhar, renunciando ao lar, entregamos nossa alma ao mercado. É preciso aprender a lidar com isso.

Felizmente, aqueles que se interessam por estudar o fenômeno moderno da gastronomia – e não só usufruir dessa diretriz hedonista da moderna culinária – já possuem um instrumento bastante amplo e eficaz, que é o recém surgido *Dictionnaire des cultures alimentaires* (PUF, 2012), coordenado por Jean-Pierre Poulain. Essa obra, que reúne a produção de 162 especialistas nos mais diversos ângulos da alimentação, através de 230 artigos, permite ao leitor varrer inúmeros assuntos seus conhecidos, em abordagens sempre criativas, ou absolutamente inéditos. O livro representa um novo grau de maturidade das "ciências da alimentação" que ganharam grande impulso justamente através dos estudos pioneiros de Jean-Pierre Poulain e de Claude Fishler – ambos orientados academicamente por Edgar Morin nos anos 1970.

Sociologias da alimentação (UFSC, 2004) é talvez o livro de Poulain que mais fortemente influenciou os estudiosos das humanidades que se dedicaram ao tratamento moderno da alimentação em seus múltiplos contextos sociais. Além disso, num percurso criativo, Poulain conseguiu restabelecer os nexos perdidos entre os estudos modernos da alimentação e as preocupações já enunciadas nas obras dos clássicos (Émile Durkheim, Georg Simmel etc.). Desse modo, os últimos quarenta anos não correspondem apenas ao período de definição de um novo lugar para a alimentação em nossas vidas; também é o tempo decorrido de desenvolvimento das "ciências da alimentação" de modo a não ficarmos entregues a um voo cego que devore nossas melhores energias para entender o que está ocorrendo à nossa volta.

CARLOS ALBERTO DÓRIA é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista CULT, Fevereiro de 2015.**

A Rondesp no Cabula - o poço é mais fundo? (MALU FONTES)

ENTRE os 12 mortos e os 6 baleados pela Polícia Militar na já tragicamente histórica incursão da Rondesp na Vila Moisés, no Cabula, um dos dados que mais convidam a uma reflexão e investigação mais profunda por parte da sociedade e dos próprios órgãos públicos é o fato de, dentre eles, apenas dois terem antecedentes criminais. A tão famosa passagem pela polícia. Um por tráfico e porte de drogas, outro por briga no Carnaval.

E por que esse deve ser um aspecto destacado no caso? Porque tanto a polícia quanto a sociedade, de forma quase consensual, embora não explicitada verbal e publicamente, usam a passagem de uma pessoa pela polícia para justificar a tortura ou os tiros para matá-la, em vez de prendê-la, quando não se pode considerar normal que policiais usem a mesma logística dos criminosos: atirar para matar. A legislação brasileira não prevê execução sumária nem pena de morte e a polícia só está autorizada a atirar para matar quando se trata de auto de resistência, ou seja, quando criminosos já a enfrentam à bala. No entanto, multiplica-se o fenômeno de classificar como auto de resistência mortes de criminosos rendidos, desarmados, muitos crivados de tiros disparados pelas costas.

Se, então, entre 18, apenas dois dos homens da Vila Moisés tinham passagem pela polícia, cai por terra a teoria social do consolo segundo a qual, se morreram, foi porque mereciam, porque eram bandidos com extensas fichas policiais ao longo de suas curtíssimas vidas, já que muitos estavam na faixa dos 20 anos, alguns abaixo, mesmo sendo exímios assaltantes de banco, nas versões divulgadas. Se é, se foi assim, estamos vendo nascer um fenômeno novo e estarrecedor. Ou seja, se foi isso mesmo, o poço da insegurança pública e da violência urbana é muito mais fundo do que a população é capaz de imaginar.

Tudo deles

Se a sociedade está vendo surgir bandidos desse quilate, perigosíssimos, assaltantes de banco armados até os dentes e dispostos a enfrentar a polícia a saraivada de balas, e que, paradoxalmente, não têm nenhum currículo criminoso nos arquivos policiais, desistamos: se as coisas chegaram a esse ponto, a causa tá perdida. Assim, tá tudo dominado. É tudo deles, do crime, nada nosso. O que as informações da Polícia, segundo as quais dentre 18 pessoas precisavam ser assassinadas numa operação porque seus respectivos altos graus de periculosidade assim o exigiam, apenas duas, paradoxalmente, "tinham passagem" - e por questões não hediondas, afinal palavras como homicídio, latrocínio, sequestro, etc, não estão na ficha de ambos - dizem é que não há saída. Se o contingente de criminosos identificados como tais, sejam presos, foragidos ou nunca capturados, já é numericamente assustador, o que imaginar e esperar quando a Polícia, numa só incursão, mata 12 e baleia 6 que nem mesmo ela sabia antes tratarem-se de criminosos?

É isso que está dito nas informações oficiais do próprio estado: em cada bairro pobre, em cada campinho aqui e acolá podem estar reunidos agora dúzias de bandidos sobre cuja identidade e periculosidade nem a polícia tem conhecimento. É isso o que o texto policial sobre a operação da Rondesp no Cabula informa à sociedade. Sendo assim, ou a cidade está infestada de criminosos sem ficha dispostos a tudo e a polícia só sabe disso no instante em que é obrigada a matá-los, ou há algo de muito paradoxal nessa equação em que entre 18 bandidos fortemente armados e poucos saídos da segunda década de vida 16 eram tão espertos que se tornaram assaltantes de banco capacitados sem nunca antes terem passado por uma delegacia na ascensão da carreira.

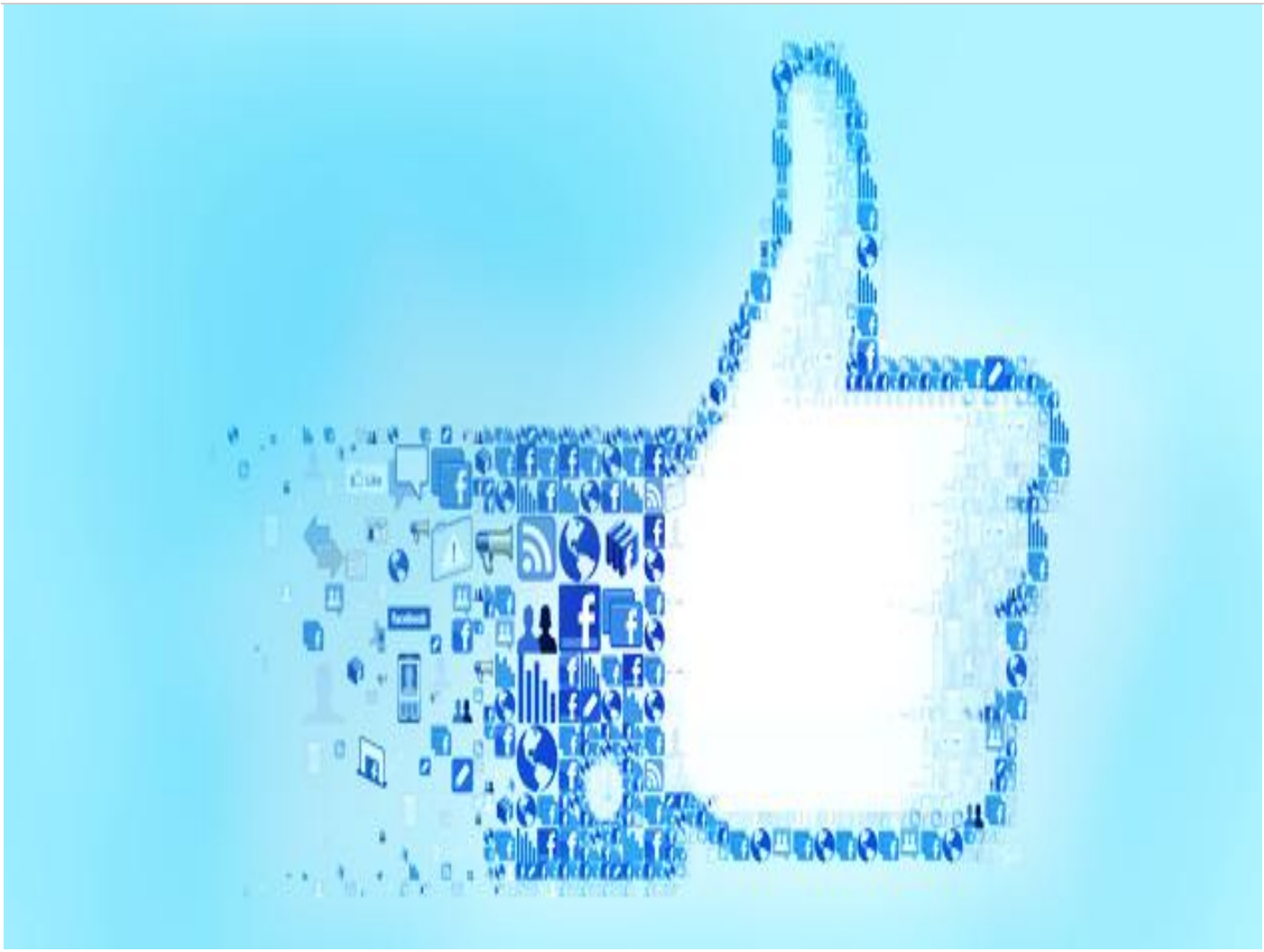
MALU FONTES é Doutora em Cultura pela UFBA, jornalista e professora de Jornalismo da mesma Universidade. **Jornal CORREIO, Fevereiro de 2015.**

Professores e alunos podem ser amigos nas redes sociais? (FERNANDA KALENA)

Documentário produzido pela UFF retrata como a comunidade escolar de um colégio carioca usa e se relaciona pelo Facebook

NÃO EXISTE um consenso sobre como deve ser a relação de professores e alunos nas redes sociais. Eles podem ser amigos no Facebook? As informações pessoais divulgadas nas redes interferem na relação em sala de aula? As redes podem ser usadas a favor da aprendizagem? Divulgado em 2013, o documentário "Uma escola entre redes sociais" abordou o tema ao retratar o cotidiano de utilização do Facebook por professores e alunos do ensino médio do Colégio Estadual Brigadeiro Schoert, no Rio de Janeiro.

O objetivo era revelar as dinâmicas de como essa interação fora da escola acontece e para isso docentes e estudantes foram incentivados, em grupos, a debater o tema. O documentário é um dos resultados da pesquisa Redes Sociais na Escola, realizada pelo Observatório Jovem, da Universidade Federal Fluminense (UFF). "O espaço pedagógico da escola é pouco aberto para surpresas e as redes sociais nos abrem para o inesperado. A interação de professores e alunos nesse espaço permite que um conheça uma faceta do outro que não é demonstrada na escola", afirma Paulo Carrano, coordenador do observatório e docente na faculdade e educação da UFF.



Crédito Charis Tsevis / Flickr

"Eu não tinha nenhum aluno no meu Facebook, muito porque eu usava a rede para me comunicar com os meus amigos. Mas quando vi que as turmas do ensino médio tinham grupos das salas na rede, enxerguei isso como um canal de comunicação com eles", contou no vídeo a professora de geografia Claudia Rodrigues. Segundo os relatos, o grupo é bastante utilizado pelos estudantes para a troca de materiais que os ajudam a estudar para provas, a realizar trabalhos e mesmo para continuar o debate sobre algum tema inicialmente abordado em classe.

Mas alguns dos estudantes entrevistados dizem que não costumam adicionar os professores como amigos na rede por "questões de privacidade". Já outros dizem que não se importam, como a estudante do 2°ano Ana Caroline de Araújo

Gaspar que diz não ter nada contra. "A postura do aluno no Facebook pode ser bem diferente da que ele tem na escola, mas isso não significa que ele é bagunceiro ou tira notas baixas. Mesmo o professor vendo o que a gente faz fora, isso não interfere na relação dentro da classe". Já Ygor Marcolino de Oliveira, aluno do 3º ano, vê pontos positivos na amizade virtual. "Alguns professores postam coisas interessantes para a gente, postam matérias de prova para estudarmos e ajuda muito", relatou.

A professora de história Luciana Dias, adota uma postura diferente de sua colega de geografia que disse ter criado um segundo perfil na rede apenas para essa interação com os alunos. Dias defende essa relação como um estímulo a aceitação individual. "É uma oportunidade que a gente tem de ensinar nossos alunos a sermos respeitados pelo que somos. Eu não vejo essa diferença, eu não sou a professora e a não professora. Eu sou eu, Luciana".

"Não há um consenso sobre essas condutas e acho que nunca vai ter. Mas as instituições precisam encarar o fenômeno das redes sociais como um desafio e também como uma possibilidade educacional" Em um artigo publicado pela Universidade Federal de Goiás os autores Delcides Rodrigues de Assis e Leonardo Antonio Alves ressaltam a importância do papel da internet na interação social, principalmente no que diz respeito a mistura da vida dentro das instituições de ensino com a pessoal. "É na junção desses planos através das redes sociais que a reação professor-aluno pode progredir. Apropriando-se das redes como meio de comunicação, o aprendizado será uma conquista mútua, dos alunos que conseguem tirar proveito de uma relação amistosa com seus professores, e destes, que na medida em que admitem as redes sociais como um novo ambiente de aprendizagem, podem utilizá-la, por exemplo, para postar os conteúdos propostos para as disciplinas".

Mas ao mesmo tempo, essa postura é questionada por Carrano, pois quando os docentes estão usando seu tempo e recursos pessoais para disponibilizarem nas redes conteúdos educacionais, estão fazendo trabalho extra e sem remuneração. "O professor acaba levando trabalho para casa, pois muitas escolas não possuem internet ou computadores para eles usarem e ainda não enxergam isso como parte de seu trabalho", explica. "Não há um consenso sobre essas condutas e acho que nunca vai ter. Mas espero que as instituições apoiem mais seus professores, que levem esse debate para o planejamento político-pedagógico, que encarem o fenômeno das redes sociais como um desafio e também como uma possibilidade educacional", completa o professor. "Nas redes sociais vemos religião, carinho, rebeldia. Descobrimos um outro lado do aluno"

Aproximação

Um ponto importante ressaltado pela professora de biologia Cristina Magella é sobre como essa interação virtual pode aproximar os docentes de seus alunos. Segundo ela, nenhum professor consegue ter uma relação mais próxima com todos os estudantes de uma turma, pois além delas serem numerosas, alguns alunos são mais tímidos ou simplesmente não se sentem confortáveis em se expor pessoalmente.

"É uma forma de estar com o aluno no horário em que ele não está na escola. Estreita as relações e com isso ficamos sabendo um pouquinho da vida deles, o que também é bastante importante no processo de aprendizado", afirma. E sua colega, Rodrigues, completa e vai além: "Descobrimos que muitas vezes eles são diferentes do comportamento que tem em sala de aula. Nas redes sociais vemos religião, carinho, rebeldia. Descobrimos um outro lado do aluno".

Para ela, o que se descobre na relação pela internet pode ser comparado a momentos de interação extracurricular. "No meio do grupo o aluno é um e separado é outro. Se pegamos um ônibus junto com um aluno ou batemos um papo num passeio fora da escola é outra coisa, todo professor sabe disso. Essa aproximação que fazemos fora da escola, também pode ser feita pelo Facebook".

Assista a íntegra do documentário "Uma escola entre redes sociais":https://www.youtube.com/watch?v=vP2o472pjNs

---

FERNANDA KALENA é Jornalista e escreve para esta publicação: **http://porvir.org/. Fevereiro de 2015.**

A dor dos filhos (ELIANE BRUM)

Há um momento mais importante do que a primeira palavra ou o primeiro passo de uma criança: a descoberta do vazio. O que fazemos diante dele é também o que nos torna pais e mães

NO LIVRO "Os enamoramentos", de Javier Marías (Companhia das Letras, 2012), uma das personagens diz:

- Os filhos dão muita alegria e tudo o mais que se costuma dizer, mas também, e isso não se costuma dizer, dão muita pena, permanentemente, o que não creio que mude nem quando forem maiores. Você vê a perplexidade deles diante das coisas, e isso dá pena. Vê a boa vontade deles, quando estão a fim de ajudar e acrescentar algo próprio mas não podem, e isso também dá pena. Dá pena a seriedade deles e dão pena suas brincadeiras elementares e suas mentiras transparentes, dão pena suas desilusões e também suas ilusões, suas expectativas e suas pequenas decepções, sua ingenuidade, sua incompreensão, suas perguntas tão lógicas e até a ocasional má intenção que possam ter. Dá pena pensar quanto lhes falta aprender e no longuíssimo percurso que têm pela frente e que ninguém pode fazer por eles, apesar de estarmos há séculos fazendo e não vejamos a necessidade de que todos os que nascem devam começar outra vez desde o início. Que sentido tem cada um passar pelos mesmos desgostos e descobertas, mais ou menos eternamente?

O fragmento é parte das quatro páginas mais belas deste livro traduzido para o português por Eduardo Brandão. Se você for ler "Os Enamoramentos", talvez encontre outros momentos de que goste mais. Para mim, o que acontece da página 68 a 71 é, neste livro, o ápice da escritura tão singular de Javier Marías. Não se trata de uma obra sobre o sentimento dos pais diante dos filhos, embora este também seja um "enamoramento", mas esse pequeno trecho me capturou porque trata de algo que fala aos pais e às mães. E que poucas vezes foi tão bem dito.

Lembro-me do momento exato em que olhei para a minha filha e senti essa dor, que era a dor que eu achava que pudesse ser a dela ou que tinha a certeza de que um dia seria a dela. Tive minha filha aos 15 anos, o que não me deu tempo de esquecer das dores da infância ou da perplexidade da infância, como pode acontecer com aqueles que se tornam pais em idades consideradas mais recomendáveis. Eu me lembrava tanto da dor quanto da perplexidade, e aos 15 anos ainda não tinha feito o luto de nenhuma das duas.

Minha filha tinha uns três ou quatro anos e estava sentada no chão tentando brincar. Eu via o seu esforço e via o seu fracasso. Ou talvez apenas estivesse projetando nela o que sabia que seria seu embate mais ou menos eterno. Mas creio que não, acredito que já era angústia o que havia no seu rostinho redondo, já era perplexidade diante da aridez de alguns dias. Lembro-me de que, naquele momento, as lágrimas pingaram dos meus olhos, como de uma torneira mal fechada. Eu soube ali que jamais poderia tapar aquele buraco, que teria de testemunhar para sempre aquela luta íntima na qual cada um de nós está só. Sempre só. Eu assistia a ela desde já, tão pequena, tão frágil, tão confiante no meu poder ilusório, debatendo-se com a vida. E para sempre diante dela eu pingaria como uma torneira mal fechada. Era um momento silencioso entre nós – e as cartas já estavam dadas muito antes de nós.

Penso que todos os pais que se tornaram pais na modernidade sentem isso – consciente ou inconscientemente. E talvez tornar-se pai e tornar-se mãe se dá também na escolha do que fazer com esse sentimento. Tornar-se pai e mãe porque ser pai e mãe não é algo dado, algo que acontece a partir de um ato biológico, sempre mais explícito para as mulheres do que para os homens. Tampouco basta estar no lugar de pai e de mãe, para além dos laços biológicos. É preciso efetivamente ocupar esse lugar – tornar-se pai e mãe é um processo que não está nem dado nem garantido, exige um contínuo movimento de vir a ser, raramente fácil ou simples.

É conhecida a dificuldade atual de exercer a função paterna e a função materna, porque é mesmo muito mais difícil ocupar um lugar em um mundo movediço, no qual a tradição já não determina o que devemos fazer acima de qualquer questionamento. E aqui não há nenhuma nostalgia das amarras da tradição, embora ela tenha o seu papel, apenas a constatação de que é previsível que nos percamos quando a pergunta de quem somos deixa de ter uma resposta óbvia. Embora tantos pais busquem nos infindáveis manuais as respostas que já não há tradição para dar, talvez esteja na literatura não as respostas, mas a complexidade das perguntas. Por paradoxal que pareça, me parece que tudo fica mais claro quando se complica.

É pelo consumo – e aí possivelmente nunca antes como agora – que se tenta tapar esse buraco aberto no peito dos nossos filhos. Um objeto seguido de outro objeto, a ilusão de que algo foi preenchido com duração cada vez mais curta, o desejo pelo produto seguinte cada vez mais imperativo, a frustração sempre abissal entre um e outro. Com alguma imaginação, é possível enxergar um filme de zumbis nas cenas de shopping, pequenos arrastando grandes por corredores iluminados, em busca não de cabeças humanas, mas de mercadorias para triturar com dentes que não estão na boca.

Mas não protegemos nossos filhos deste vazio, não há como protegê-los daquilo que é uma ausência que nos completa. Penso que este é o momento crucial da maternidade e da paternidade. Cada um de nós, que se sabe faltante, diante da falta que grita no filho. Quando me vi diante desse abismo, como a personagem de "Enamoramentos", ela num momento muito diverso e muito mais limite do que o meu, lembro-me de me sentir envolta em melancolia. Eu soube ali, naquele instante prosaico em que minha pequena filha procurava por algo que talvez não pudesse ser encontrado em nenhum lugar além dela mesma, que eu haveria de conviver com uma falência dali em diante. Minha melancolia não se devia às dificuldades de uma maternidade precoce – mas à certeza de que proteger minha filha era uma missão desde sempre fracassada. E eu sabia porque eu lembrava – e esta talvez seja uma duvidosa vantagem de ser mãe adolescente.

Em outro livro, **"Noites Azuis"** (Nova Fronteira, 2012), este autobiográfico, Joan Didion descreve lindamente essa condição que só se tornaria clara para ela depois da morte da filha. Ao folhear um diário de Quintana, Joan descobriu que o medo da menina era "cair no vazio". Em vez de aceitar este medo, conectar-se com ele, escutá-lo, a mãe escritora se pôs a corrigir a gramática. Impotente, mas sem aceitar a impotência, mesmo depois da tragédia, ela eliminou furiosamente as vírgulas em lugar errado no texto da adolescente. Quintana já tinha partido, mas ainda era tudo o que a mãe se sentia capaz de fazer diante do pavor da filha de "cair no vazio".

Esta mesma menina, muito antes, aos 5 anos, havia ligado para a clínica psiquiátrica mais famosa da região onde a família vivia para fazer uma pergunta devastadora: "O que devo fazer se estiver enlouquecendo"? Durante muitos anos Joan não conseguia compreender por que a filha temia que ela não pudesse protegê-la. Até entender que a pergunta estava errada. A pergunta correta era: "Como ela podia sequer imaginar que algum dia eu poderia tomar conta dela?"

Ao olhar para minha própria filha naquele momento em que eu sabia que a máquina do mundo se abria diante dela para mostrar seu enorme estômago vazio, lembro-me de que, por um momento, pensei em alcançar talvez um outro brinquedo ou lhe oferecer um chocolate (nos anos 80 ainda era possível ser considerada uma boa mãe mesmo dando doces a uma criança pequena, e não uma serial killer nutricional). Mas meu pensamento não virou gesto. Eu sabia que tudo o que eu podia fazer era me manter em silêncio. Que ser mãe, naquele momento, era ser capaz de vê-la debater-se com o vazio,

testemunhar o início de seu longo embate vida adentro. E acho que ali, como deve acontecer com os pais e mães que percebem esse momento exato, uma fissura nova se abriu em mim. Esta que para sempre me faria pingar como uma torneira mal fechada.

"Que sentido tem cada um passar pelos mesmos desgostos e descobertas, mais ou menos eternamente?", pergunta a personagem de "Enamoramentos", diante da fragilidade dos filhos que, naquele momento, por uma circunstância trágica, lhe era insuportável. E a resposta talvez seja a de que não exista sentido. E exatamente por não existir, só podemos mostrar aos nossos filhos, porque isso é algo que se mostra, não que se diz, que a tarefa de uma vida humana, desde sempre e para sempre, é criar sentido onde não há nenhum. Inventar uma vida é a tarefa que faz de todos nós ficcionistas. E, em geral, uma vida que faz sentido é aquela em que os sentidos são construídos para serem perdidos mais adiante e recriados mais uma vez e sempre outra vez. É o vazio, afinal, que nos faz inventar uma vida humana – e não morrer antes da morte.

É o que fazemos como pais neste momento em que um filho descobre o vazio, um momento mais importante do que a primeira palavra ou o primeiro passo ou o primeiro dente, que também nos torna pais. É preciso aguentar. Saber aguentar e escutar a dor de um filho, sem tentar calar com coisas o que não pode ser calado com coisa alguma, é um ato profundo de amor. Um momento sem palavras em que nosso silêncio diz apenas que a tarefa de criar uma vida que faça sentido é dele, pessoal e intransferível. E tudo o que poderemos fazer é estar mais ou menos por perto, ainda que nada possamos fazer.

E um dia, talvez, receber uma carta/email na qual está escrito: "Mãe: o que eu sempre vi em você era uma pessoa que não desistia do próprio desejo. E que nunca deixou a vida matar a vida". Afinal, o que legamos a um filho é o nosso movimento em busca de sentido. E este não pode ser um arrastar-se de zumbi.

ELIANE BRUM é jornalista, escritora e documentarista. Ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem. É autora de um romance - *Uma Duas* (LeYa) - e de três livros de reportagem: *Coluna Prestes – O Avesso da Lenda* (Artes e Ofícios), *A Vida Que Ninguém Vê* (Arquipélago Editorial, Prêmio Jabuti 2007) e *O Olho da Rua* (Globo). **Revista ÉPOCA, Novembro de 2012 (texto recuperado por conta da contextualização do artigo contido nesta revista chamado "A nova geração dos pais que mimam").**

O que a escolha de parceiro tem a ver com a de sapatos (CRISTIANE SEGATTO)

Como o comportamento das mulheres nos dias férteis interessa às empresas

O MERCADO – que tudo fareja e enxerga – está de olho no período fértil das meninas. Uma pesquisa da Universidade do Texas, em Santo Antônio, sugere que as mulheres procuram mais opções de parceiros nos dias próximos da ovulação. Até aí, o estudo liderado pela professora de marketing Kristina M. Durante não me surpreende.

Cerca de duas semanas depois do primeiro dia da menstruação, o desejo sexual feminino aumenta. Isso é resultado da produção de progesterona, o hormônio liberado quando o óvulo está maduro e pronto para ser fecundado. Nessa fase, é natural que as mulheres se interessem mais por sexo. Elas passam a enxergar encantos em pessoas que antes não despertariam qualquer atração. A rede de possíveis parceiros se amplia. Esse é um truque da natureza para garantir a perpetuação da espécie. Um mecanismo biológico tramado muito antes da imposição da cultura monogâmica em grande parte das sociedades ocidentais.

Onde é que o mercado entra nessa história? Segundo Kristina, a busca por variedade durante os dias férteis não se resume às relações pessoais. O desejo por novidade verificado nessa fase também influencia a forma como as mulheres respondem aos apelos do mercado. É principalmente nesse período que as mulheres querem muuuuito aquele sapato da vitrine, mesmo sabendo que o armário de casa está lotado.

O trabalho, que será publicado na edição de abril do Journal of Consumer Research, está sendo considerado uma das primeiras evidências de que o comportamento de escolha nas relações pessoais pode influenciar a forma como desejamos e selecionamos produtos e serviços. Como professora do departamento de marketing do College of Business da Universidade do Texas, Kristina se dedica a pesquisar as bases biológicas e a influência social que determinam as decisões de consumo. O novo estudo está disponível na íntegra neste site (http://business.utsa.edu/faculty/kdurante/).

Para chegar aos resultados, a equipe realizou quatro estudos que envolveram 553 mulheres entre 18 e 40 anos. Nenhuma delas estava grávida nem usava contraceptivos hormonais. E o casamento? Muda alguma coisa nas necessidades de consumo? Segundo Kristina, a fidelidade a um parceiro é capaz de reduzir o desejo por variedade de produtos. Essa é uma informação importante para o mercado. Significa que a lealdade em relações românticas pode induzir certa fidelidade a marcas.

"De forma geral, as mulheres, durante a ovulação, escolhem muitas opções diferentes. Não ficam sempre no mesmo produto ou marca. Isso vale desde barras de chocolate até cosméticos", diz Kristina. É um período em que as mulheres estão especialmente suscetíveis aos apelos dos competidores para que elas troquem de marca. Nem todas as consumidoras respondem à publicidade da mesma forma. "Esse maior desejo por variedade de produtos no período fértil não foi verificado nas mulheres solteiras e apaixonadas ou nas casadas que continuam tendo parceiros desejáveis."

Fica a dica: se o consumo consciente é a sua cara, deixe o cartão de crédito em casa e segure firme a carteira quando estiver ovulando. Se o seu negócio é variar naqueles dias, dê uma chance ao salto alto que não tira os olhos de você. Ele está ali na vitrine, todo carente, louco para ser levado para casa.

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Fevereiro de 2015.**

A nova geração de pais que mimam (ISABELLA IANELLI)

SE OBSERVARMOS há algum tempo uma geração criada à base de leite e pêra, cercada de mimos, já era de se esperar que estes homens mimados uma hora se tornassem pais. Frutos de uma classe média zelosa e protetora, estes pais (e aqui me refiro também às mães) agora exercem suas facetas mimadas no cuidado com os filhos. Este comportamento egoísta e mesquinho passa a ser exacerbado e levado ao extremo quando envolve crianças ditas inocentes, doces, meigas e suaves.

Eles fazem da criança o centro da casa

Para os pais mimados que mimam será parte de sua missão aqui na terra livrar seu filho de qualquer empecilho e obstáculo natural e necessário, tal qual como tédio, bagunça, tio chato, normas da sociedade, rituais da nossa cultura etc. Para um pai mimado, a vontade do filho não precisa ter limites. A seguir alguns dos principais comportamentos na relação que os pais mimados estabelecem com seus filhos.

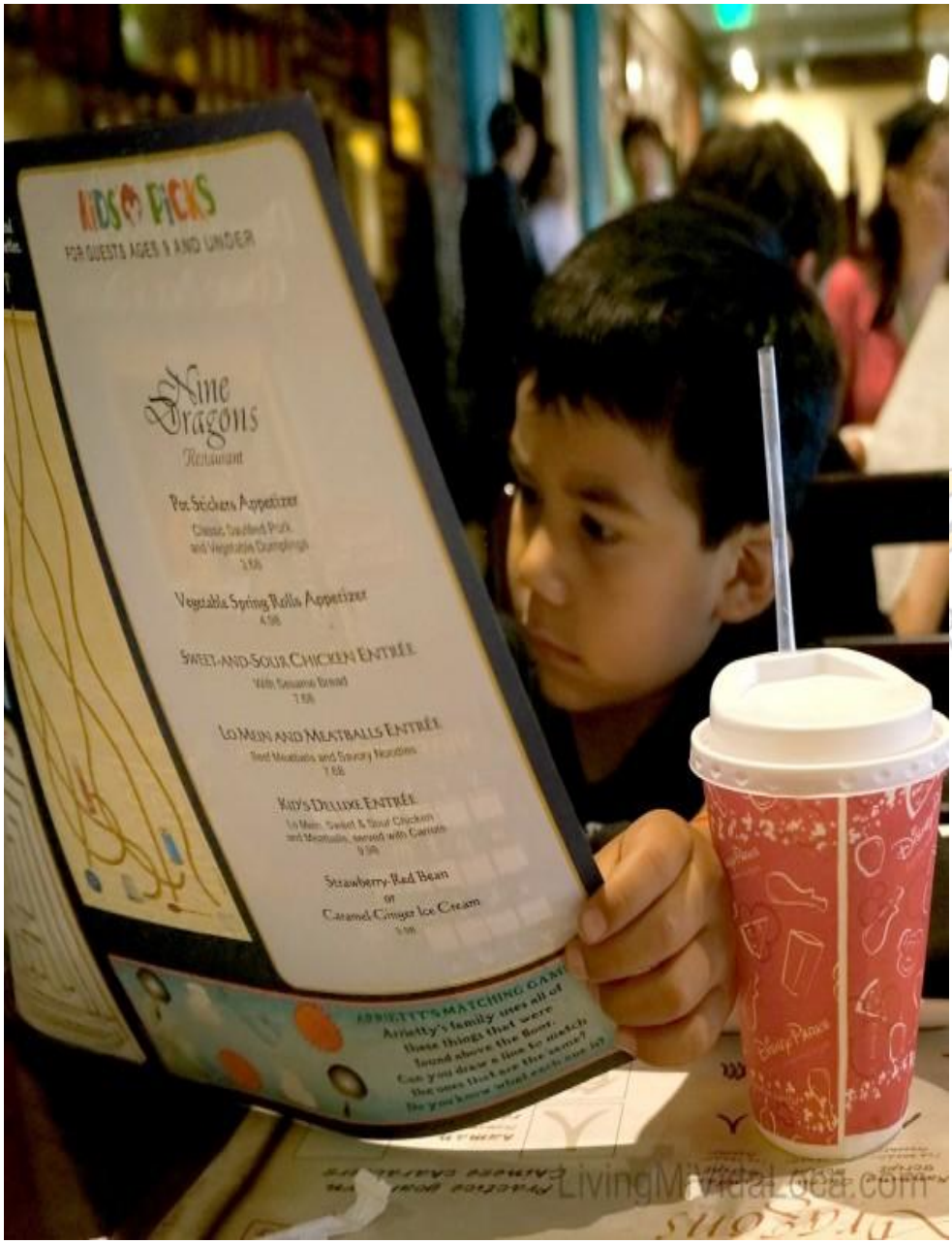
Até a Veja já cantou a bola, mas a gente demora para mudar

Talvez uma das principais características dos pais que mimam seja o fato de a rotina da casa ser adequada de acordo com as vontades da criança. Cadeirão da comida na frente da televisão, horários não determinados, cadeira distrativa para entreter o bebê, produtos, acessórios, engenhocas específicas, tudo essencialmente voltado para ele. E para a loucura da casa.

Em *French Children Don't Throw Food*, Pamela Druckerman conta o que faz das crianças francesas mais comportadas. Entre pesquisas, entrevistas e exemplos, a autora mostra que o fato dos pais franceses não tratarem as crianças como centro da casa é essencial para que elas entendam que se adequarão a um modelo já existente - e não o contrário! Tratar a criança como o centro da rotina de toda a casa é a base de uma educação de mimados para mimados.

"Para a geração de meus avós e de meus pais, a vida dos adultos não devia ser decidida em função do interesse das crianças, até porque o principal interesse das crianças era sua transformação em adulto" - Contardo Calligaris

Eles acreditam que criança só come bife e batata frita



Com certeza ele já tem idade para saber o que é mais saudável e com certeza o que é mais saudável estará nesse cardápio

Por terem suas vontades tomadas como verdade absoluta, é claro que estas crianças não comeriam o que os pais comem. Ou porque é temperado demais, ou porque tem vegetais e uma vez ele recusou ou porque, veja só, Pedrinho só come macarrão com manteiga, não aceita outra coisa.

Cada vez mais comum nos restaurantes, o cardápio kids fica sempre entre opções não muito criativas: macarrão, bife, batata frita. E se mesmo assim a criança recusa o almoço, existe um leque de industrializados que será oferecido em pouco tempo para que o pimpolho não passe fome: bolacha, salgadinho, achocolatado, sucos açucarados...

Além de nada saudável, isto é um alerta de mimo: criança come o que você ensina a comer. É muito mais simples achar sabor num macarrão do que, de cara, numa couve-flor.

Lição de casa para os pais que tendem a mimar: ler os escritos de Pat Feldman a respeito dos pequenos e entender que o gosto pela comida é construído. Conjuntamente, na mesa de refeição, estimulando que experimentem, entendendo o apetite da criança e respeitando seu gosto. Sempre ensinando que parte importante da refeição é o convívio com os outros e demonstrando respeito pela comida que foi feita em casa e que será a base da refeição de todos que por ali moram.

Eles não conversam, distraem

"I'm bored" is a useless thing to say. You live in a great, big, vast world that you've seen none percent of.
And even the inside of your own mind is endless. It goes on forever inwardly. Do you understand?
Being the fact that you're alive is amazing, so you don't get to be bored.

Louie: "Estou entediado" é algo inútil a se dizer. Você vive em um mundo enorme, vasto, do qual você viu 0%. E mesmo o interior de sua mente é sem fim. Segue para sempre por dentro. Você entende? O fato de que você está viva é incrível, então você não tem o direito de se entediar. É comum olhar para o lado no restaurante e encontrar uma criança hipnotizada por um iPad. Ou no carro com iPod e fones, alheia às interações do ambiente ou à ausência delas. Aliados dos pais mimados, as engenhocas tecnológicas ajudam a criança a não se frustrar, não lidar com o tédio de um restaurante repleto de adultos, de um carro sem atrativos, de uma vida inteira que às vezes não tem grandes aventuras mesmo.

Mas, ora, por mais que pais se esforcem para preencher este vazio intrínseco aos filhos, ele não será preenchido. Proteger um filho é uma missão fadada ao fracasso, já atestou Eliane Brum.

Eles não confiam na escola

Julio Groppa Aquino diz que nós, educadores destes tempos modernos,nada mais somos do que babás. "Babás+", foi o termo engraçadinho sugerido por ele para colocar em pauta esta realidade de pais que não querem saber das relações, dos aprendizados, do ensino, das evoluções de suas crianças. Exigem em primeiro lugar que sua cria seja mimada pela escola, aplaudida a todo momento, nunca confrontada. Não confiar em quem se confiou a educação dos filhos é uma grande insegurança, certamente um sinal de pais mimados. Nota baixa é culpa do professor, comportamento ruim é culpa da escola e a comunidade é cruel e não ideal para ensinar seu filho a lidar com a vida. Antes a criança respondia à escola, agora é a escola que responde à criança.

Eles elogiam muito a cria

Prática comum entre os pais zelosos, elogiar a criança faz bem, aumenta sua autoestima, favorece o desenvolvimento da criança, dá segurança, correto? Errado. No livro *Filhos: novas ideias sobre educação*, Po Bronson e Ashley Merryman contam de recentes pesquisas que mostram, entre outras coisas, o poder inverso do elogio.

A explicação é muito simples: assegurar a todo momento que seu filho é inteligente faz com que a criança se torne insegura desta sua condição. E, por medo de errar e perder o título da inteligência, a criança passa a arriscar menos e a se esconder atrás desta máscara. Cheia de inseguranças e com um batalhão de elogios vazios (que recebeu sem perceber seus esforços), está aí um bom início de frustração para o pimpolho.

Em comum, o que todos estes tópicos têm é que tratam a criança como um frágil cristal. Delicada, fruto de uma imaginação romântica de pureza, incapaz de lidar com qualquer obstáculo. Sabemos que frustração é algo que ninguém quer para sua cria. Mas é só o que a vida garante. Que tal começar a criar seu filho para o mundo?

ISABELLA IANELLI é Pedagoga interessada em arte e educação. Escreve no blog Isabellices e responde por @isabellaianelli no Twitter. Escreve para o webmagazine **Papo de Homem (http://www.papodehomem.com.br). Fevereiro de 2015.**

Pais chatos (LUIZ FELIPE PONDÉ)

VIVEMOS num mundo das modas de comportamento. Por exemplo: pais chatos. Você me pergunta o que é um pai chato? Pode ser uma mãe chata também, mas quando é pai, é pior ainda. Explico logo o porquê. Antes, um reparo: evidente que os pais devem se ocupar da educação dos filhos. Ponto. Mas tem limite. Quer ver?

Há anos, quando meus filhos estavam em idade escolar, fomos, minha mulher e eu, a algumas reuniões. Poucas, porque sempre achamos que pais deveriam ser educados e não frequentar muito essas reuniões porque os professores, no final do dia, já estão cansados de correr atrás de nossos pestinhas. Ah! Esqueci: hoje não se pode mais falar assim. Nossos "hiperativos". Meus filhos estudaram numa dessas típicas escolas da zona oeste paulistana que custam R$ 3.000 por mês, ainda que professores preguem voto no PSOL e levem os meninos para acampamentos do tipo MST.

Lembro-me de uma reunião em especial em que uma mãe, sentada atrás de mim, enchia o saco da professora de história, conhecida por ser amada pelos alunos, porque ela achava que o programa de história deveria contemplar mitos (o assunto era história antiga) nos quais as mulheres fossem guerreiras "empoderadas" (a palavra já dá vontade de vomitar...). E, também, que deveriam dar menos espaço para gregos, romanos, hebreus e mais para outros povos.

A professora, coitada, educadamente, depois de uma dia inteiro de trabalho, tentava explicar à mãe chata que, em se tratando de história antiga ocidental, não se podia negar a importância dos gregos, romanos e hebreus. Os demais povos seriam contemplados (lembre-se: estamos falando de Antiguidade!), mas esses três eram essenciais (na Antiguidade!) para a matriz ocidental.

Outro tipo chato é aquele que acha que a escola deve ensinar os alunos a mexer em computadores e afins. Normalmente, o cara é engenheiro ou algo assim, mas acha que, porque tem um carro coreano grande e branco, pode ensinar padre-nosso ao vigário. Só gente mal informada acha que criança de classe média precisa de escola pra aprender a mexer em computadores e afins. Mais um tipo é aquele participativo em todas as atividades da escola e que leva a sério quando, educadamente, a instituição convida os pais a serem mais "presentes no dia a dia da escola".

Esse é aquele tipo que se senta na primeira fila nas reuniões e fala o tempo todo. Quando acaba a reunião, lá pelas 22h, ele quer conversar com a professora enquanto ela pega a bolsa e se dirige para o seu carro. Tipo muito interessado em saber como seu filho vai na escola, mas que na realidade quer falar de algo que ouviu falar numa dessas reuniões com gurus que falam sobre motivação em empresas, e acha que a professora deveria ler esse tal guru que ganha milhões ensinando bobagens sobre liderança. O mundo corporativo gasta milhões com gente fajuta.

Ou, quem sabe, pior ainda, aquele tipo que, em escolas de crianças muito pequenas, quer demonstrar sua condição de pai contemporâneo, disputando com as mães quem sabe mais sobre alimentação infantil. Tem mais um hilário (entre tantos outros): os pentelhos que querem dizer para a coordenação que a escola deveria colocar disciplinas novas, como "biking". Eita mundinho chato, esse. Estou devendo a você uma explicação de por que, normalmente, os pais assim acabam sendo mais chatos do que as mães.

Uma das novas modas de comportamento é a mania de homens quererem o tempo todo provar que entendem melhor de bebês do que as mães. Essas, coitadas, acabam cedendo à moda porque, além de quererem ou precisarem trabalhar, não podem negar ao marido a ilusão de ser um "pai contemporâneo". Outras, infelizmente, creem de verdade que o fato de os homens não poderem amamentar é uma injustiça social ou de gênero (o "gender gap").

Óbvio que existem pais que sabem lidar com filhos pequenos. E mães que não são lá tão obcecadas pelos filhos. Pena. Mas, na maioria esmagadora dos casos, devemos deixar que as mulheres cuidem dessa área, porque elas sabem há milênios o que significa carregar uma criança nesse mundo.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

Decisões da maternidade (ROSELY SAYÃO)

A VIDA não está fácil para muitas mulheres que pretendem ser mães em breve, que já estão grávidas, que acabaram de ter bebê ou que já são mães de crianças pequenas. De uns tempos para cá, inauguramos a era das patrulhas rigorosas contra determinadas situações que envolvem o parto e a maternidade.

A história toda começa com o parto: qual a melhor maneira de um bebê nascer? Não há dúvida alguma de que a medicina colabora incrivelmente ao apontar como opção a operação cesariana, mesmo quando desnecessária, se consideradas as condições de evolução da gravidez e da saúde da mulher.

Vivemos em tempos de medicalização da vida, e somos nós que valorizamos esse estilo, de um jeito ou de outro. Só para você ter uma ideia, caro leitor, da força da medicina em nossas vidas: em um trabalho feito por uma sala escolar de crianças de cinco anos, um projeto averiguava quase tudo sobre o nascimento dos alunos, e eles trouxeram de casa a ficha preenchida no hospital. Na sala de 19 alunos, 14 deles haviam chegado ao mundo por meio da cesariana. Uma proporção desnaturada, sem dúvida!

O problema é que, para combater um desvio da medicina - da medicina, e não de médicos! -, escolhemos colocar as mulheres que se submetem a tal pressão no foco. Há mulheres que têm medo do parto e da dor; há mulheres que avaliam ser a operação a melhor escolha possível a elas; há mulheres que receiam ir contra a sugestão de seu médico, em quem confiam; e há mulheres que, simplesmente, querem que seu parto seja assim e ponto final.

Depois do parto, vem a questão da amamentação e, de novo, há pressão e discordâncias entre profissionais das ciências da saúde. Amamentar é bom, disso ninguém duvida. Por quanto tempo? Em qualquer contexto? Novamente, nos deparamos com movimentos fortes que promovem a amamentação, sem perdoar as mulheres que ou não podem, ou não conseguem, ou não querem amamentar.

Logo em seguida, tem a chegada do bebê em casa: cama compartilhada? Quarto compartilhado? Sono autônomo? E lá vêm novas verdades de grupos barulhentos que também penalizam mulheres que fazem escolhas diferentes, mesmo sem querer. Eu poderia continuar com essa lista enorme de movimentos favoráveis a uma determinada situação e contrárias a todas as outras, mas prefiro deixar para as mulheres, principalmente, uma reflexão.

Ter um filho não é fácil desde o princípio, antes de ele nascer. Aliás, ser mulher e ser mãe, em pleno século 21, ainda é bem difícil: temos muito o que enfrentar. Então, que tal se as lutas sociais que travamos e que envolvem a maternidade fossem mais acolhedoras com as mulheres que fazem escolhas diversas das que consideramos as melhores?

Foi uma jovem mulher, prestes a dar à luz, que me comoveu tanto com suas questões que me inspirou a ter esta conversa. Ela disse que buscou informações a respeito do parto e chegou à conclusão de que o parto natural e em casa seria a melhor opção para o filho. Desde que considerou essa possibilidade, porém, anda aflita, não dorme mais, e sente-se culpada antecipadamente, caso escolha a operação cesariana, mais tranquila para ela.

O ser humano é complexo: temos desejos, anseios, sonhos, mas nem sempre temos as condições necessárias - físicas, emocionais e sociais - para dar concretude a eles. Por isso, nem sempre fazemos as melhores escolhas: fazemos as possíveis, e isso se aplica a cada uma de nós.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2015.**

Verdades do passado (CONTARDO CALLIGARIS)

NA MINHA primeira viagem à Argentina, em 1984, soube que, durante a ditadura, bebês de desaparecidos tinham sido adotados por simpatizantes dos assassinos e torturadores de seus pais. Alguns talvez tenham sido adotados pelos próprios assassinos e torturadores de seus pais.

Em certos casos, uma mulher era presa enquanto estava grávida e era preservada até o parto, quando o bebê era entregue a outros, e a mãe "desaparecia". O movimento das Avós da Praça de Maio começava a descobrir e revelar as adoções suspeitas. O que fazer quando isso acontecia? Com a intenção declarada (talvez sincera) de preservar a "felicidade" e a tranquilidade das crianças, alguns afirmavam que seria melhor deixar as coisas como estavam.

Afinal, os jovens nem sabiam que eles tinham sido sequestrados e adotados --em certos casos, eles foram registrados como filhos naturais do casal que os adotara. Não era melhor deixá-los viver sua existência de classe média abastada? Por que mandá-los de volta para uma avó provavelmente pobre? Será que as próprias crianças, se pudessem escolher, gostariam dessa mudança de status social? Será que não prefeririam os brinquedos de seu quarto em Belgrano a uma habitação rural, na província do Chaco --isso sem sequer o pretexto de elas voltarem assim para seus pais?

À primeira vista, eu achava bizarro que os pais adotivos pudessem amar filhos que eles conseguiram como despojos de uma guerra suja. Como é que alguém fabrica um órfão para depois acolhê-lo como filho? Mas, pensando bem, era frequente na Antiguidade que alguém adotasse escravos comprados no mercado, onde eram vendidos, justamente, os despojos de guerra. Seja como for, na época, eu pensava (e continuo pensando) que era necessário dizer a verdade às crianças --e que cada uma delas lidasse como podia com o que fosse revelado.

Aos que se preocupassem com o "choque" produzido por uma revelação desse porte ("você não é filho de quem você pensava; ao contrário, é filho de"¡"), é bom lembrar que os jovens estão preparados: é muito comum crianças e adolescentes fantasiarem que eles seriam filhos de outros pais. A versão mais banal é a de ser um príncipe de sangue, adotado por uns camponeses. Mas também existe a versão inversa, a de ser filho de camponeses, adotado pela família real; quem sabe, um dia, ao conhecer sua origem, você se rebelará contra seus pais adotivos. A história bíblica de Moisés é um exemplo ilustre.

Por que tantas crianças fantasiam que elas teriam outra origem da que lhes foi dita? Porque tamanho segredo escondido no nosso passado é uma extraordinária promessa de liberdade. O segredo nos torna imprevisíveis: os outros não sabem quem somos. Nós mesmos tampouco sabemos direito quem somos.

Ao levar esse segredo em conta, a gente pode mudar completamente de rumo. E, se persistirmos no mesmo caminho, será com um novo sentido. A possível descoberta de um segredo que possa nos transformar e descarrilar nossas vidas é, aliás, um dos grandes atrativos da psicanálise: quem sabe, eu aprenda que tenho uma outra história, da qual eu, assim como sou agora, não poderia mais ser o fruto. Resta-me mudar, não é?

"Ida", do polonês Pawel Pawlikowski, acaba de ganhar o Oscar de melhor filme estrangeiro. O preto e branco parece perfeito para contar a história de uma Polônia que mal saiu do cinza da Segunda Guerra e já se perdeu no cinza do "socialismo real". Fiquei tocado pelo enquadramento de Pawlikowski, que sugere um mundo em que os pessoas estão sempre nas margens.

E fiquei tocado sobretudo pelo segredo que é revelado a Ida. Isso você saberá nos primeiríssimos (lindos) minutos (leia sem medo, o spoiler é praticamente nulo): Ida cresceu num convento e logo entrará para a clausura. Antes dos votos, ela deve encontrar a única sobrevivente de sua família, uma tia. Dessa tia, ela vai aprender quem eram seus pais"¦ Dizer o que ela fará de sua vida seria, sim, um mega spoiler. O que importa é que, graças a esse segredo, sua escolha final, seja ela qual for, terá um novo valor e uma nova significação.

Nota. Por sorte, a notícia da recidiva do câncer de Oliver Sacks veio pelo texto de despedida que ele mesmo escreveu (http://migre.me/oKKil). Alguém com a curiosidade indomável de Sacks só podia, algum dia, cansar daqui e querer ver como são as coisas "do outro lado".

CONTARDO CALLIGARIS é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2015.**

Médico que atende paciente que abortou e a denuncia comete crime de quebra de sigilo? SIM

Médico ou carcereiro? (JULIANA GARCIA BELLOQUE E GUILHERME MADI REZENDE)

O SIGILO profissional existe para garantir a confiança na relação entre o profissional e a pessoa que o procura, conferindo eficiência a atividades de interesse público. É da própria essência dessas atividades. Assim é que, desde a primeira comunhão, os católicos ouvem que o que contam ao padre em confissão é inviolável. Os advogados também sabem que não podem revelar o que seus clientes lhes confidenciam. Entre a revelação dos segredos e a plenitude da assistência, a opção democrática sempre foi pela última.

A área de saúde também não prescinde da relação de confiança. E esta não é possível sem o sigilo médico. "Aquilo que no exercício e fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, e que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto", diz o milenar juramento de Hipócrates. O preceito ético incorporou-se na lei brasileira pelo artigo 154 do Código Penal que diz ser crime "revelar alguém, sem justa causa, segredo de que se tem ciência em razão de função, ministério, oficio ou profissão, e cuja revelação possa produzir dano a outrem". Constitui crime a conduta do médico que transforma em caso de polícia sua atenção profissional à paciente em situação de abortamento.

O atendimento adequado exige que se relate exatamente o que aconteceu. Jamais o fará a paciente que correr o risco de ser presa pelas mãos do médico; pior, temerá a própria procura de auxílio, o que geraria um sério problema de saúde pública. O compromisso do médico é com a saúde da mulher, assim ele jurou. Médico não é --e não pode querer ser-- agente de segurança pública. Não se argumente que haveria justa causa nessa hipótese. Não há.

A justa causa que autoriza a revelação do segredo é aquela que se coaduna com a função social da profissão; a quebra do sigilo pode ocorrer para salvar vidas, quando o médico tem a informação de que seu paciente provocará danos à saúde de outrem, podendo intervir para evitar esse mal. Não se pode enxergar causa legítima na atitude persecutória do médico em relação a condutas pretéritas daqueles que dele se socorrem. Outras normas auxiliam na compreensão do referido artigo. Durante um procedimento criminal, o médico jamais poderá ser testemunha contra o seu paciente, exceto se por este expressamente desobrigado do dever de sigilo (artigo 207 do Código de Processo Penal). Parece óbvio que a proibição de relatar o que sabe sobre um crime abrange o ato de dar origem a uma investigação contra o paciente.

Por outro lado, a contravenção penal de "omissão de comunicação de crime" apenas traz esse dever ao médico quando a comunicação "não exponha o cliente a procedimento criminal", evidenciando que, neste caso, prevalece o sigilo. Pensar o contrário seria atingir o âmago do sigilo médico, sua razão de ser. Ele existe especialmente para que aqueles que estejam em delicada situação - seja do ponto de vista moral, seja do ponto de vista jurídico - não deixem de procurar assistência à saúde por receio de perseguição pelo Estado.

A que tipo de sociedade interessa que a persecução prevaleça sobre a vida e a saúde de seus integrantes? Não se duvida que o sigilo médico tenha como objetivo resguardar um interesse público maior. Sendo o abortamento inseguro a quinta causa de mortalidade materna no país, obstaculizar o acesso da mulher à assistência à saúde, pelo medo de que o hospital se transforme em prisão, significaria acumular mais e mais cadáveres.

JULIANA GARCIA BELLOQUE, 37, é defensora Pública do Estado de São Paulo. **GUILHERME MADI REZENDE**, 42, é advogado criminalista. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2015.**

Médico que atende paciente que abortou e a denuncia comete crime de quebra de sigilo? NÃO

Quando a regra não é clara (JANAÍNA CONCEIÇÃO PASCHOAL)

O SIGILO é um dos temas mais carentes de estudo, na atualidade. Casos momentosos, como o de Edward Snowden, constituem evidência disso. Em regra, condiciona-se o apoio à quebra de sigilo à concordância, ou discordância, com a temática envolvida. Snowden é considerado herói por uns e terrorista por outros.

Esse início pode soar descabido, mas o caso em análise não diz respeito ao sigilo profissional. A indignação que a conduta do médico gerou deve-se ao entendimento de que o aborto seria um direito da mulher. Não é raro médicos notificarem ferimentos por arma de fogo e facadas, que podem resultar em inquéritos contra seus pacientes, sem que haja tamanha reação.

Deve-se lembrar que o aborto, salvo situações específicas, constitui crime. É bem verdade que o artigo 66, inciso II, da Lei de Contravenções Penais diz que o médico não está obrigado a notificar crime de ação penal pública, expondo seu paciente a procedimento criminal. Não estar obrigado, porém, é diferente de estar proibido. Igualmente, é certo que o Conselho Regional de Medicina de São Paulo já proferiu pareceres no sentido de que o médico que notifica o aborto provocado comete infração ética. Ocorre que, em muitos desses pareceres, ao falar de outros crimes, aduz-se apenas que o médico não está obrigado a informá-los. Em nenhum ponto se explica o que diferencia o aborto dos demais delitos.

Em 2010, o Ministério da Saúde publicou o caderno "Atenção Humanizada ao Abortamento", que fala claramente na necessidade de mudança de atitude, frisando que cabe ao médico acolher, e não julgar. Uma vez que se requer uma mudança na abordagem, concluo que a situação não seja líquida e certa.

Em 2014, o Ministério da Saúde editou a Portaria 1.271, que em seu artigo 2º, inciso I, define como agravo, para fins de notificação compulsória, "qualquer dano à integridade física ou mental do indivíduo, provocado por circunstâncias nocivas, tais como acidentes, intoxicações por substâncias químicas, abuso de drogas ou lesões decorrentes de violências interpessoais, como agressões e maus tratos, e lesão autoprovocada". Ora, não seria o aborto, em regra, decorrente de uma lesão autoprovocada?

Entendo firmemente que médicos que notificam abortos provocados por pacientes não procedem da melhor forma. A prática pode desestimular a busca de ajuda. Salvo quando haja riscos a terceiros, médicos nunca deveriam ser obrigados a notificar situação envolvendo pacientes, inclusive quando se trate de abuso de drogas, suicídio tentado e envolvimento em crime. No entanto, dada a falta de clareza das normas vigentes, mesmo que se admita infração ética, é impossível reconhecer o crime de quebra de sigilo profissional. A responsabilidade penal exige mais do que a administrativa para se caracterizar.

Deve-se, ainda, ter em mente que situações como a de que ora se trata ocorrem em prontos-socorros, onde o profissional encontra-se pressionado pelo número de pacientes, pela carência de recursos e pelo pouco tempo para decidir. Não se pode, ademais, desprezar o temor de vir a ser implicado na provocação do aborto, dada a frequente necessidade de curetagem.

Por óbvio, a paciente, já fragilizada, foi submetida a constrangimento incompatível com o acolhimento buscado por quem se dirige a um hospital. Mas é preciso considerar a insegurança do médico. Que sejam editadas normas claras. Que se criem procedimentos-padrão. Que se cultive a boa prática de manter equipes multidisciplinares nos hospitais, evitando decisões solitárias. Pelo bem da saúde pública, não podemos permitir que o exercício da medicina se transforme em atividade de alto risco jurídico, sobretudo, penal.

JANAINA CONCEIÇÃO PASCHOAL, 40, advogada, é professora livre docente de direito penal na Faculdade de Direito da USP.
Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Fevereiro de 2015.